

PREÇO DE HERBICIDAS E INSETICIDAS: ANÁLISE ALÉM DA TAXA DE CÂMBIO

ALINA SOUZA / CP MEMÓRIA



NILSON LUIZ COSTA

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Agronegócios da Universidade Federal de Santa Maria - Campus Palmeira das Missões

Redução da oferta chinesa e elevação da demanda explicam a tendência, que é potencializada pela desvalorização do real frente ao dólar

Com as atenções voltadas para o plantio, o agricultor gaúcho está viabilizando uma safra de soja que deve chegar a 18,4 milhões de toneladas, segundo dados da Conab e Emater. O aumento nos custos de produção já foi contabilizado, mas para além da variação cambial, no caso dos defensivos agrícolas, existe um componente de mudança estrutural importante, que pode ser explicado pelas limitações impostas ao setor de produção dos defensivos na China, principal produtor e exportador desses insumos.

A partir de 2015, o governo do país asiático iniciou uma densa política de recuperação ambiental que está se traduzindo em ações restritivas à produção e uso de fertilizantes químicos e pesticidas. O objetivo desta é ajudar no controle da poluição agrícola não pontual, conforme destacam os pesquisadores Shuqin Jin (Centro de Pesquisas em Economia Rural do Ministério da Agricultura da China) e Fang Zhou (Universidade de Agricultura e Pecuária do Tibete), no artigo intitulado "Zero Growth of Chemical Fertilizer and Pesticide Use: China's Objectives, Progress and Challenges".

Em decorrência disso, a fiscalização das atividades de produção se intensificou de tal forma que nos últimos meses a indústria está produzindo sob condições de restrição de matérias-primas utilizadas na produção de princípios ativos. De acordo com relatos de executivos do segmento, existem moléculas que tiveram redução de disponibilidade de até 70% em decorrência de sanções e até mesmo fechamento das fábricas.

A importância do país asiático para a agricultura brasileira se revela também na oferta de agroquímicos e não apenas na demanda por grãos. Em 2017, por exemplo, as estatísticas do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços do Brasil mostram que a China foi a origem de 100% das importações brasileiras de herbicidas à base de hexazinona e 89% das importações de herbicida à base de glifosato. Também foi a origem de 93% das importações de inseticida à base de fosfato de alumínio e 57% das importações de inseticida à base de acefato ou de *Bacillus thuringiensis*.

Já no caso dos fungicidas, Índia e Colômbia são os principais fornecedores para a agricultura brasileira. Portanto, não por acaso, as maiores elevações nos preços de agroquímicos ocorreram no grupo dos herbicidas e inseticidas, pois as condições de redução da oferta e de elevação da demanda por estes produtos passam a causar aumento de preços no mercado chinês. A desvalorização do real frente ao dólar ajudou a explicar o aumento dos preços e potencializou ainda mais esta tendência.

Diante disto, considerando os riscos inerentes à atividade agropecuária e o crescimento sustentado dos elementos de custo das lavouras, cada vez mais a rentabilidade estará associada ao profissionalismo, gestão da produção, controle do desperdício e elaboração de uma estratégia de comercialização capaz de garantir a sustentabilidade financeira da atividade.

8º SIMPÓSIO BRASIL SUL DE BOVINOCULTURA DE LEITE

Evento trata das mudanças rápidas que estão alterando a forma de produzir leite, cada vez mais tecnicizada, entre diversos outros temas da programação científica. As inscrições custam de R\$ 300,00 a R\$ 460,00 e podem ser feitas no próprio evento.

Datas: 6 a 8 de novembro.

Local: Centro de Eventos Plínio Arlindo De Nes, em Chapecó (SC).

7º DIA DE CAMPO DO LEITE

A Embrapa Clima Temperado apresenta as inovações da área para o público interessado na produção de leite. Entre as novidades deste ano estão a apresentação da Régua de Pastagens, a silagem de capim elefante como alternativa de nutrição, orientações para biossegurança das propriedades leiteiras, recomendações para a produção com segurança e uma abordagem sobre os principais fatores de risco químico, físico e biológico do leite e como tratá-los. A entrada é franca.

Data: 13 de novembro.

Local: Estação Experimental Terras Baixas, em Capão do Leão.

SEMINÁRIO TÉCNICO SOBRE QUALIDADE DO PISO EM INSTALAÇÕES DE SUÍNOS

Voltado a profissionais do setor, evento terá palestras de especialistas e, além do tema central, discutirá ações para reduzir perdas durante o transporte dos animais. As inscrições são gratuitas, mas devem ser feitas antecipadamente no endereço conferenciaweb.rnp.br/webconf/qualidade-do-piso-e-bem-estar-dos-suinos porque as vagas são limitadas.

Data: 5 de dezembro.

Local: Embrapa Suínos e Aves em Concórdia (SC).

COTAÇÕES & MERCADO

GUAÍBA CORREIO RURAL

Aos sábados, das 08h30 às 09h30.

RÁDIO GUAÍBA
101.3FM 720AM

PREÇOS AO PRODUTOR (em R\$) – Emater

Produto	Unidade	Mínimo	Médio	Máximo
Arroz em casca	saco 50 kg	39,00	42,39	46,00
Feijão	saco 60 kg	100,00	138,42	190,00
Milho	saco 60 kg	33,00	35,61	40,00
Soja	saco 60 kg	75,00	77,03	83,00
Sorgo	saco 60 kg	26,36	28,39	30,00
Trigo	saco 60 kg	37,00	38,05	40,00
Boi gordo	kg vivo *	4,50	4,72	5,00
Vaca gorda	kg vivo *	3,50	3,97	4,50
Suíno	kg vivo	2,80	3,10	3,50
Cordeiro p/ abate	kg vivo *	5,50	6,33	7,50
Leite	litro	1,00	1,23	1,44

Semana de 29/10/2018 a 02/11/2018 | * Prazos de 20 ou 30 dias

BRASIL Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2016/17	Safra 2017/18
Arroz	12.064,2	11.044,9 a 11.854,9
Feijão	3.116,5	3.136,2 a 3.205,0
Milho	80.786,2	89.734,3 a 91.084,3
Soja	119.281,7	117.049,7 a 119.427,5
Trigo	5.393,9	5.393,9

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2016/17	Safra 2017/18
Arroz	1.972,8	1.846,9 a 1.976,9
Feijão	3.175,6	3.071,7 a 3.116,0
Milho	16.631,8	16.609,4 a 16.823,2
Soja	35.149,2	35.446,3 a 36.174,2
Trigo	2.038,6	2.038,6

RIO GRANDE DO SUL Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2017/18	Safra 2018/19
Arroz	8.460,2	7.736,7 a 8.385,3
Feijão	107,6	97,0 a 103,2
Milho	4.827,8	5.093,0 a 5.399,8
Soja	17.150,3	17.947,2 a 18.485,7
Trigo	1.276,7	1.690,6

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2016/17	Safra 2017/18
Arroz	1.077,6	1.003,2 a 1.087,3
Feijão	58,8	56,9 a 60,4
Milho	728,4	713,8 a 756,8
Soja	5.692,1	5.692,1 a 5.862,9
Trigo	699,2	681,7

Dados do 1º Levantamento de Safra 2018/2019 da Conab

A tarde caía como quem morre. Definhava, pintando um quadro dormente, gris e triste. Até a passada se emudeceu, a restinga se calou por completo e o gado descansa, deitado, no capão das oliveiras. Finalmente, a noite de novembro desceu sobre o Rincão do Espinilho. Foi bem nessa hora que dona Mirta começou a chorar. Havia dias que pressentia algo ruim, e Loércio nunca aparecia. Ela tinha-lhe dito, "não vá, meu filho, não vá", mas ele foi, desobediente, como o pai, intempestivo, passando a mão na melena crescida até os ombros, cuspidando no chão, olhando furioso para os lados e rindo nos momentos mais improváveis. Puxara o pai mesmo, em tudo. E agora, ela que já perdera o marido na guerra civil, agora estava em pânico porque tinha sonhado que um grupo de cavaleiros de lenços brancos vinha entregar-lhe o filho morto. Era sonho? Antes de acordar notara que ao redor do pescoço tinham atado um lenço pintado de sangue seco e colorado, que vertia, vertia...

Não podia ser verdade. O sonho devia estar errado. Também não gostava da ideia de o filho andar por aí, nos entreveros, até degolando o filho de outra mãe... Deus do Céu... Era uma infâmia mesmo esse terrível pesadelo. Por quê? Pensava no filho da dona Miloca, um homem novo, tão trabalhador, consertador de carretas, educado, recém-casado, com filhos ainda de colo. Apareceu morto um dia lá pros lados do Cacequi, numa volta de rio, decapitado. Credo! Era tanta crueldade naquela guerra, irmão contra irmão, se matavam entre as famílias, as regiões, em nome de uns chefes que ela mal sabia o nome. E quem cuidava agora das plantações, do gado? Esta-



CAMPEREADA

PAULO MENDES

pmendes@correiodopovo.com.br

A liberdade (3)



ANGEL DELLA VALLE / REPRODUÇÃO / CP

va tudo minguido, atirado. "Precisamos ser livres", gritavam, mas livres de que e de quem? Ah, ela se arrependia por não ter se atirado a seus pés, agarrado suas botas, ameaçado com o relho pendurado atrás da porta, devia ter sido mais enérgica. Ele não teria coragem de bater em sua própria mãe. Não, isso não, deixou-o ir, e no fundo até com certo orgulho ao vê-lo cruzar a porteira lá ao lado do pé de umbu, quando se despediu, abandonando, com a adaga na cintura, a velha espada do pai atada nos arreios, pala nos olhos, o chapéu de aba larga e as melenas ao vento. Se fora, o ladino. Para onde? Será que voltaria vivo?

Ventito sestroso, vento de mortos a balançar o arvoredo lá fora. E essa cuscada que não para de latir. Já abrira a janela duas vezes, ralhara, mas nada, seguiram acoando e uivando pelos oitões. E então o coração de Mirta disparou quando começa ouvir ao longe o barulho de cascos na estrada de chão. Será? Sim, ouve claramente. Os cachorros até aumentam a intensidade dos latidos e ela se levanta num susto, já colocando o velho vestido, as botas e segurando um facão enferrujado que restara. Estão perto demais, já é possível ouvir até as vozes, é um grupo, quatro, cinco cavaleiros.

Abre a porta e vê já dentro do pátio os homens, vultos e sombras dentro dessa noite lúgubre. Um deles, que parece ser o chefe grita: "Dona Mirta, viemos trazer seu filho!" Então, desesperada, corre até um cavalo baio ruano que traz nos arreios o corpo de Loércio Santafé. Antes de desmaiar, dona Mirta ainda consegue enxergar o lenço encharcado de sangue ao redor do pescoço do filho.